



PANDEMIA ACELEROU MUDANÇAS QUE JÁ ESTAVAM EM CURSO NA EDUCAÇÃO,

mas o que isso representa para o futuro?

Por/By: Guilherme Profeta
Foto/Photo: Fernando Rezende

WHEN IT COMES TO EDUCATION, THE PANDEMIC HAS ACCELERATED CHANGES THAT WERE ALREADY IN MOTION,

but what does it mean for the future?

O texto a seguir é uma publicação da revista bilíngue Uniso Ciência, da Universidade de Sorocaba, para fins de divulgação científica.

The following story is part of the bilingual magazine Science @ Uniso, published by the University of Sorocaba, for the purpose of scientific outreach.

*Acesse aqui a edição completa/
Follow the link to access
the full magazine:*



Dois mil e vinte e os anos que vieram na sequência serão lembrados por um paradoxo insólito: ao mesmo tempo em que houve momentos em que o tempo pareceu passar estranhamente (até dolorosamente) devagar — em especial nas semanas ou nos meses iniciais de quarentena —, também ocorria, de forma silenciosa, uma aceleração sem precedentes de algumas mudanças sociais que até já estavam em curso, mas provavelmente demorariam mais tempo para se consolidar não fosse a pandemia de Covid-19.

Foi a observação desse paradoxo que motivou o professor doutor André Pires, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (PPGE-Uniso), em conjunto com as professoras doutoras Helena Sampaio e Ana Maria Carneiro, ambas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a produzir o artigo “De volta ao futuro?”, sobre os principais efeitos da pandemia no Ensino Superior no Brasil e no mundo, publicado num dossiê temático sobre a pandemia da revista *Humanidades e Inovação*, da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins).

“No Ensino Superior, muitas mudanças ocorreram e muitas rotinas se estabeleceram a partir do fechamento físico dos campi, ainda em março de 2020, a fim de manter o isolamento social conforme recomendação de agências internacionais de saúde”, lembram os autores, no artigo. Em linhas gerais, essas mudanças podem ser agrupadas em quatro categorias. **Confira na sequência.**

A TRANSIÇÃO PARA O ENSINO REMOTO

O ensino remoto, seja em suas modalidades **SÍNCRONA** OU **ASSÍNCRONA**, já existia antes da pandemia, mas não distribuído uniformemente em todo o mundo. “Em países como a Colômbia, a Alemanha, a Espanha e a Suécia, em torno de 15% do total de estudantes já se encontravam matriculados exclusivamente em

2020 and the years that followed will be remembered for an unusual paradox: while there were moments when time seemed to pass very slowly (in a strange or even painful way)—especially in the initial weeks or months of quarantine—, there was also, silently, an unprecedented acceleration of some social changes that were already in motion, but would probably take longer to consolidate without the Covid-19 pandemic.

The observation of this paradox was what motivated professor André Pires, from Uniso’s graduate program in Education, together with professors Helena Sampaio, and Ana Maria Carneiro, both from the State University of Campinas (Unicamp), to write the paper “Back to the future?,” covering the main effects of the pandemic on Higher Education in Brazil and abroad. The paper was included as part of a thematic issue on the pandemic of the journal *Humanidades e Inovação*, published by the State University of Tocantins (Unitins).

“When it comes to Higher Education, there were many changes and many routines that were established when campuses were physically shut down, still in March 2020, in order for people to keep social distancing as recommended by international health agencies,” the authors recall, in the paper. Broadly speaking, these changes can be grouped into four categories. **Check it out next.**

THE TRANSITION TO REMOTE LEARNING

Remote learning, whether its **SYNCHRONOUS** OR **ASYNCHRONOUS** modalities, already existed before the pandemic, but not evenly distributed across the world. “In countries such as Colombia, Germany, Spain, and Sweden, around 15% of the total number of students were already enrolled exclusively in remote learning during the

PARA SABER MAIS: ENSINO REMOTO SÍNCRONO X EaD

Na modalidade síncrona de ensino remoto (como aquela que foi implementada na Uniso durante as fases críticas da pandemia), as aulas são mediadas por dispositivos de vídeo e outras plataformas, mas continuam acontecendo em tempo real, ou seja, tanto professores quanto estudantes estão *online* ao mesmo tempo, ainda que não juntos fisicamente. Na modalidade assíncrona, aquela que é praticada no que normalmente se chama de EaD (Educação a Distância), as aulas não acontecem em tempo real; em vez disso, o estudante tem acesso a determinadas plataformas para consultas a materiais de apoio (que podem ser em vídeo ou outros formatos), atividades diversas e avaliações. Além das aulas presenciais, a Uniso passou a ofertar cursos 100% EaD em outubro de 2021.

TO KNOW BETTER: SYNCHRONOUS X ASYNCHRONOUS

In the synchronous model of remote learning (such as the one which was implemented at Uniso during the critical phases of the pandemic), classes are mediated by video devices and other platforms, but continue to take place in real time, which means both professors and students are online at the same time, even if not physically together. In the asynchronous model, on the other hand, classes do not take place in real time; instead, students have access to certain platforms in order to go through support materials (videos or other formats), exercises, and tests. In addition to regular in-person classes, Uniso started to offer 100% asynchronous programs in October 2021.

ensino remoto no ano letivo anterior à pandemia”, exemplificam os pesquisadores. “Por outro lado, na Bélgica, no Japão, na Eslováquia e na Turquia, a porcentagem de estudantes de Ensino Superior matriculados no ensino remoto era próxima de zero”. Os dados são da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Em países como os EUA e o Brasil, a quantidade de estudantes matriculados nas modalidades de ensino remoto já crescia consideravelmente antes mesmo da pandemia.

O que talvez tenha mudado mais drasticamente depois dos eventos de 2020 é a percepção em relação ao ensino remoto, especialmente em relação à modalidade EaD. “De 2017 a 2020, o

academic year that preceded the pandemic,” the researchers say. “On the other hand, in Belgium, Japan, Slovakia, and Turkey, the percentage of Higher Education students enrolled in remote learning was close to zero.” The data came from the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD). In countries such as the USA and Brazil, the number of students enrolled in remote learning modalities was already growing considerably before the pandemic.

What has changed more drastically after the events of 2020, perhaps, is the public perception towards remote learning, especially when it comes to the asynchronous model. “From 2017 to 2020, the acceptance level regarding the asynchronous



Professor doutor André Pires, do PPGE da Uniso, um dos autores do artigo

Professor André Pires, a faculty member at Uniso's graduate program in Education, one of the authors of the paper

percentual de aceitação do modelo EaD cresceu 28,4% entre aqueles que planejavam fazer um curso presencial, e agora estavam dispostos a migrar para o EaD. Em outros termos, com a pandemia da Covid-19, o percentual de pessoas que intencionam realizar um curso EaD cresceu em quatro meses o que levaria antes três anos para acontecer”, destacam os autores. Os dados são de um relatório de 2020 da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES).

ÊNFASE NA PERMANÊNCIA ESTUDANTIL

Em relação à chamada permanência estudantil (que inclui as ações institucionais voltadas a garantir que os estudantes tenham as condições necessárias para continuar estudando, como, por exemplo, quaisquer tipos de apoios pedagógicos, financeiros, psicológicos etc.), os autores ressaltam que a pandemia expôs a extensão do *gap* digital, ou seja, do grande hiato que existe entre aqueles que têm mais e menos acesso às tecnologias digitais, uma distância que até então não estava tão clara.

Os pesquisadores destacam, no artigo, que a ideia de que todos estão conectados o tempo todo, por meio de equipamentos e serviços adequados, mostrou-se uma falácia, uma vez que a distribuição do acesso às tecnologias digitais foi bastante desigual durante a pandemia de Covid-19. Ainda que essa lacuna digital tenha um impacto mais intenso sobre estudantes de baixa renda, geralmente localizados no sul do mundo, as regiões mais desenvolvidas do globo não passaram incólumes por esse processo: os pesquisadores apontam, por exemplo, que 90% dos estudantes europeus enfrentaram dificuldades relacionadas ao uso de seus computadores pessoais, que 41% tiveram problemas de conexão com a internet e que 37% não tinham um local suficientemente silencioso para acompanhar as aulas *online*. Os dados também são da OCDE.

model grew by 28.4% among those who planned to take an in-person course, and were now willing to take asynchronous classes. In other words, after the Covid-19 pandemic hit, the percentage of people who intend to study asynchronously grew in four months the same amount it would have grown in three years, given previous ratios,” the authors emphasize. The data came from a 2020 report by the Brazilian Association of Higher Education Sponsors (ABMES, in the Portuguese acronym).

EMPHASIS ON STUDENT RETENTION

Regarding the so-called student retention (which includes institutional actions aimed at ensuring that students have the necessary conditions to continue studying, such as any kind of support, either pedagogical, financial, psychological, etc.), the authors emphasize that the pandemic exposed the extent of the digital gap, or, in other words, the large hiatus between those who have more and less access to digital technologies, a distance that was not that clear until then.

In the paper, the researchers highlight that the idea that everyone is connected all the time, through adequate equipment and services, proved to be a fallacy, since the distribution of access to digital technologies was very unequal during the Covid-19 pandemic. Although this digital gap has a more intense impact on low-income students, generally located in the south of the world, the most developed regions of the planet have not gone through this process unscathed: researchers point out, for example, that 90% of European students faced difficulties related to their personal computers, 41% had problems connecting to the internet, and 37% did not have a sufficiently quiet place to attend online classes. Data also came from the OECD.

O sofrimento psíquico causado pela instabilidade e pelo isolamento também é um fator que não pode ser negligenciado. Nos EUA, de acordo com uma pesquisa realizada entre os meses de maio e julho de 2020 por um consórcio de universidades capitaneado pela Universidade da Califórnia, 40,6% dos estudantes de graduação e 24,6% dos estudantes da pós-graduação declararam ter enfrentado problemas de saúde mental, como ansiedade ou depressão, nesse período.

Do outro lado do Atlântico, uma pesquisa da Comissão Europeia sobre o impacto da Covid-19 nas universidades do continente europeu mostrou que, num universo de 114 universidades participantes, 58% implementaram ações de apoio à saúde mental de suas comunidades internas (não só estudantes, mas também professores e funcionários) — um tipo de apoio que, no caso da Uniso, é oferecido desde 2016, por meio do seu curso de graduação em Psicologia.

Para continuar lendo sobre permanência estudantil, cheque a reportagem na página 32 desta edição.

INTERNACIONALIZAÇÃO: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

No que diz respeito ao processo de internacionalização das universidades, os autores dividem as atividades em dois grupos, aquelas realizadas “para fora” e aquelas realizadas “em casa”. Dentro desse primeiro grupo, eles listam a própria mobilidade acadêmica internacional (seja de estudantes ou de professores); a oferta de cursos para além das fronteiras do país em que a IES (Instituição de Ensino Superior) está localizada; a participação em rankings globais de classificação de instituições, incluindo as estratégias tomadas para garantir uma boa classificação nesses rankings. Já no segundo grupo estão as atividades realizadas internamente, incluindo a adaptação de funcionários e do próprio

The psychic suffering caused by instability and isolation is also a factor that cannot be neglected. In the USA, according to a survey carried out between May and July 2020, by a consortium of universities led by the University of California, 40.6% of undergraduate students, and 24.6% of graduate students reported having dealt with mental health issues, such as anxiety or depression, during this period.

Across the Atlantic, a European Commission survey on the impact of Covid-19 on universities located on the European continent showed that, in a universe of 114 participating universities, 58% implemented actions aimed at supporting their internal communities (not only students, but also professors and employees) regarding their mental health—a kind of support that, when it comes to Uniso, has been offered since 2016, through its undergraduate program in Psychology.

To keep on reading about student retention, check out the story on page 32 of this issue.

INTERNATIONALIZATION: CHALLENGES AND OPPORTUNITIES

Regarding the internationalization of universities, the authors divide activities into two groups, those carried out “outwards” and those carried out “at home.” Within this first group, they list international academic mobility (either for students or professors); the offering of courses beyond the borders of the country in which the school is located; the participation in global rankings, including the strategies taken to ensure a good position in these rankings. The second group includes activities carried out internally, including the adaptations regarding employees and the physical space: the training of bilingual staff, accommodations for international visitors, the offering of classes taught in foreign languages,

espaço físico: o treinamento de *staff* bilíngue, a disponibilização de alojamentos para visitantes internacionais, a oferta de cursos em línguas estrangeiras, as mudanças procedimentais para facilitar o intercâmbio de professores, a adaptação dos currículos para atrair estudantes estrangeiros etc.

Ao mesmo tempo em que a pandemia impediu, em grande parte, a mobilidade acadêmica internacional — prejudicando, como apontam os autores, principalmente os pesquisadores mais jovens, que ainda não têm estabelecidas suas redes pessoais de colaboração internacional —, ela pode ter servido para reduzir as resistências que ainda existiam em relação a eventos *online* (como congressos, reuniões científicas, bancas de defesa etc.), o que amplifica o leque de possibilidades quando o assunto é cooperação internacional, uma vez que os custos são reduzidos drasticamente.

A EMERGÊNCIA DAS EDTECHS

Outro fenômeno que já estava acontecendo antes da pandemia era o surgimento de *startups* especializadas em soluções tecnológicas para a educação (como, por exemplo, plataformas para cursos digitais e criação de conteúdo). Os autores apontam, de acordo com dados da Associação Brasileira de Startups (Abstartups) e do Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB), que, em 2020, o Brasil já possuía 566 empresas desse tipo, as quais recebem o nome de EdTechs. Em relação a 2019, esse número já representava um aumento de mais de 25%, denotando amplo crescimento antes mesmo de a Covid-19 ser sequer cogitada. Esse padrão também foi acelerado pela pandemia.

“A incorporação dessas novas tecnologias pelo Ensino Superior, por se tratar de serviços pagos, pode contribuir para aprofundar ainda mais as assimetrias entre as IES, ou seja, entre as que conseguem arcar com os custos desses serviços (e de suas versões mais completas) e as que não

procedural changes to facilitate faculty exchange, the adaptation of the curriculum to attract foreign students, etc.

While the pandemic has largely hampered international academic mobility—harming, as the authors point out, especially younger researchers, who have not yet established their personal networks for international collaboration—it may have also reduced the resistance that still existed regarding online events (such as conferences, scientific meetings, public thesis defenses, etc.), which amplifies the range of possibilities when it comes to international cooperation, since costs are drastically reduced.

THE EMERGENCE OF EDTECHS

Another phenomenon that was already happening before the pandemic was the emergence of startups specializing in technological solutions for education (such as platforms for digital courses and content creation). The authors point out, according to data from the Brazilian Association of Startups (Abstartups), and the Center for Innovation for Brazilian Education (CIEB), that, in 2020, Brazil already had 566 companies of this kind, which are called EdTechs. In comparison to 2019, this number already represented an increase of more than 25%, denoting a large growth even before Covid-19 was even considered. This pattern has also been accelerated by the pandemic.

“The incorporation of these new technologies by Higher Education, as they are paid services, can contribute to expanding even further the asymmetries between Higher Education Institutions that are able to afford the costs of these services (and their complete versions), and those that cannot,” warn the researchers.

In 2021, Uniso hosted an important discussion on this new scenario of competition between



O Reitor da Uniso, professor doutor Rogério Augusto Profeta, em apresentação durante o Fórum dos Executivos Financeiros para Instituições de Ensino Privadas do Brasil, em novembro de 2021 (arquivo)

Professor Rogério Augusto Profeta, the rector of Uniso, in a presentation at the Forum of Financial Executives for Private Education Institutions in Brazil, in November 2021 (archive)



Além dos debates sobre tecnologia e educação, o evento proporcionou troca de experiências na Cidade Universitária da Uniso (arquivo)

In addition to debates on technology and education, the event provided an opportunity for exchanging experiences at Uniso's main campus (archive)

podem fazê-lo”, alertam os pesquisadores.

Em 2021, a Uniso foi palco de uma importante discussão sobre esse novo cenário de competição entre as EdTechs e as IES, que se deu no âmbito do Fórum dos Executivos Financeiros para Instituições de Ensino Privadas do Brasil (**FINANCIES**). O evento reuniu cerca de 1.800 profissionais de todas as regiões do país, todos envolvidos na área financeira de universidades e outras IES. No fórum, o professor doutor Rogério Augusto Profeta, Reitor da Uniso, defendeu que competição não precisa ser sinônimo de guerra, e que o grande risco de se envolver nessa disputa por preços é ter um impacto direto na própria qualidade do serviço oferecido pelas IES — e, consequentemente, no processo formativo dos estudantes. No caso da Uniso, reiterando essa posição de cooperação (e não de competição), a própria universidade está incubando uma EdTech voltada ao acompanhamento de egressos e ao apoio à jornada de aprendizagem dos estudantes.

EdTechs and Higher Education Institutions, which took place within the Forum of Financial Executives for Private Education Institutions in Brazil (**FINANCIES**). The event brought together around 1,800 professionals from all regions of the country, all involved with the finances of universities and other education institutions. At the forum, professor Rogério Augusto Profeta, the rector of Uniso, defended that competition does not equal an open war, and that the great risk of getting involved in disputes over price is the direct impact it could have on the quality of the service offered by education institutions—and, consequently, on students’ education itself. In the case of Uniso, reiterating this approach based on cooperation (and not competition), the university itself is incubating an EdTech aimed at monitoring alumni, and supporting students’ learning journey.



Siga o link pelo **QR code** para acessar a cobertura do evento (em português), assinada por Rafael Filho (Agência FOCS):

Use the QR code to follow the link and read more about the event (in Portuguese), reporting by Rafael Filho (FOCS Agency)



Com base no artigo “De volta ao futuro? A pandemia de Covid-19 como catalisadora de mudanças no Ensino Superior”, publicado no periódico Humanidades e Inovação, em 17 de maio de 2022, de autoria dos seguintes pesquisadores: Helena Sampaio, André Pires e Ana Maria Carneiro.

Siga o link para ler o **artigo original**:

Follow the link to read the **original paper** (in Portuguese):

